



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhadas-Lisboa • Telefone 5339 G.  
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Amigos ou inimigos?

Há semanas se declararam em greve os operários do município. As determinações desse movimento aqui as expozemos já desenvolvimento. Os trabalhadores municipais tinham apresentado à Câmara um certo número de reclamações, entre estas o pagamento da subvenção de 20.000 a que tem indiscutível direito e com a qual a Câmara não se desocia. A vereação por largo tempo empatou os reclamantes, não atando nem deitando, procurando iludi-los com conversas fiadas e promessas falsas. As comissões operárias que a Câmara quasi diariamente se digladiam a saber do estado da sua questão recebiam invariavelmente por resposta um «hoje não, amanhã sim», só bom a iludir garotos, e incapaz de fazer perder a paciência aos que todo o direito tinham a ser atendidos e não intrudidos. Já a paciência ia começando a faltar entre os operários municipais quando a greve marítima, a pouco terminada, se declarou. A vereação ordena a ida de vários operários do município para trabalhos de bordo, a traír a causa dos grevistas marítimos. Reclamaram-se os homens a desempenhar uma odiosa tarefa. Foram despedidos. Já bastava. A Câmara acendeu o rastro. A explosão veio. A greve dos operários municipais foi a consequência imediata e directa das provocações insolentes da vereação. Daí para os nossos excelsos edis não tem mudado de tática. Os grevistas reclamam actualmente, por vir de uma plataforma apresentada pela União dos Sindicatos de Lisboa, a cidade subvenção de 20.000, e a reintegração nos seus antigos lugares de todos os operários despedidos por se haverem recusado a traír o movimento dos marítimos. A vereação respondeu com a comissão que ultimamente a propôs, que, no respeitante ao pagamento da subvenção, só de Janeiro próximo em diante. Que não podia, que estavam três vezes despedidos os operários que não reassumiam o trabalho. Assim, imitando de irritante soberbia, respondeu a vereação à comissão operária que a procurou.

Não vale muito para nós o que a imprensa burguesa. E' de notar, porém, que ela tem sido bastante em proclamar a incompetência, a absoluta falta de tacto administrativo da vereação actual. Isto nos surpreende muito o facto, acostumados como já estamos ao predomínio dos parvos, dos

incompetentes e dos menos dignos. E' bem diversa a circunstância que neste breve escrito queremos salientar. E' a circunstância de fazerem parte da vereação alguns elementos socialistas, cuja atitude perfeitamente se irmana com a dos seus colegas de política diferente. Os vereadores socialistas tem mantido, a respeito desta grave questão, desta greve injustíssima que promete eternizar-se, o prudente silêncio de Conrart. Deixam fazer—se é que mesmo não apoiam declaradamente a atitude da vereação.

Ora isto requer explicações. Os socialistas assumiram, perante as classes trabalhadoras, responsabilidades que se não podem iludir nem esquecer. E' preciso que nos entendamos. O operário quer saber se deve inscrever definitivamente na lista dos seus inimigos, dos seus piores inimigos, porque seriam os mais falsos e os mais dissimulados, aqueles que, inculcando-se seus defensores, tomam, mal guindados a qualquer pósto de mando, uma postura que mais tem do traíção que de outra coisa.

Nas reuniões camarárias, os vereadores socialistas não apresentaram ainda, nem naturalmente estão dispostos a apresentá-lo, um protesto vibrante, indignado, sincero, contra a maneira por que se vai deixando prolongar uma greve que já estabeleceu a miséria mais negra nalguns lares e faz perigar a salubridade dum capital, à mercê de todas as epidemias e de todos os flagelos. Os vereadores socialistas consentiram, com o seu silêncio, que se ordenasse a trabalhadores a traíção de camaradas seus. Consentiram ainda que fossem perseguidos aqueles operários dignos que a esta obra de infâmia se recusaram. Deixam finalmente que a vereação de que fazem parte calque aos pés, desprezadamente, insolentemente, direitos sacrosantíssimos de trabalhadores modestos mas honestos, cujo procedimento constitui uma alta lição de dignidade para tantos que dela andam necessitados.

Tal tem sido o proceder dos socialistas na Câmara Municipal. Isto não pode ser. Os socialistas que se expõem; que definam claramente a sua situação. Ou, modificam de vez a sua conduta, fazendo obra que pareça de socialistas, ou declaram desassombradamente que esqueceram todos os compromissos, que pactuaram com a burguesia, e que, eles também, andam ao mesmo.

## Confederação Geral do Trabalho

### Conselho Confederal

Ontem o Conselho Confederal das suas resoluções destacou o relativo à greve ferroviária que unanimemente aprovado, devendo hoje o Conselho Jurídico desembrasar-se da missão de que incumbiu ao Conselho Confederal.

### Parecer

O Conselho Confederal examinou a situação em que se encontra a greve ferroviária. Verifica que o moral dos grevistas é excelente e pelas suas manifestações de solidariedade, parte o reduzido número de amargos que pouco ou nada influem no ânimo dos que continuam coligados—nota-se que o seu espírito de combatividade e de persistência e de decisão, é de uma sustentação a luta indefinida.

Com uma enérgica disposição encaminha-se à vitória e com tal coragem e com o Comité, como, de resto, toda a organização sindical só tem que controlar-se, esperando que tal tenacidade se mantenha, não apenas para a vitória, mas também para a manutenção da sua vitória resultante de uma consideração em face de futuras declarações que os ferroviários haviam de apresentar e defender perante o patronato.

Se só há motivos para satisfação é verificar tal estado de espírito, o G. T. compete, como organismo representativo da classe operária portuguesa, intervir para a solução daquele conflito. A C. G. T. que é o órgão máximo da classe operária portuguesa, não pode, nem deve, em tal situação, colocar-se na simples expectativa para intervir com a sua força moral que julgue decisivo. Não se trata de colectividade ferroviária redida a este organismo para uma posição de mediação para a solução da greve.

afigura-se ao Comité Confederal que esta mediação seria aceite por parte dos organismos ferroviários em luta e por parte do Estado.

Nem uns, nem outros devem pretender a conservação do conflito permanentemente. A C. G. T., sem pôr de parte a sua característica de organismo de luta de classes, não é alheia aos prejuízos de carácter nacional, por isso que, parte integrante do país, lhe intere a profundamente a vida económica de toda a população. E nestas circunstâncias a sua intervenção é perfeitamente lógica e razoável, e não pode, por isso mesmo, deixar de se fazer sentir com urgência.

O conflito em questão tem sido agravado com a promulgação de vários decretos por parte do governo. E como de leis se trata, está naturalmente indicado que é ao Conselho Jurídico que cabe estudar a questão e intervir por forma que a uma solução se chegue entre as partes interessadas.

Concluindo, o Comité propõe ao Conselho:

1.º Que seja convidado o Conselho Jurídico, acompanhado pelo respectivo advogado, a intervir na greve ferroviária, procurando-lhe uma solução satisfatória para ambas as partes, não devendo nunca esta ser imposta ou sugerida sem o comum consenso das partes em litígio;

2.º Conservar-se o Conselho Confederal na expectativa para por outra forma intervir se assim se julgar necessário.

Lisboa, 20—10—1920.

O Comité Confederal.

União dos Sindicatos Operários

Conselho de Delegados

Reúne hoje, pelas 20 e meia horas, o Conselho de Delegados a este organismo,

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Os soberanos belgas em Lisboa

parvos, principalmente o rei, e há de ver como tudo isto por aí decorre anormalmente; há de ver a miséria do povo, a debilidade das manifestações, a peior das festas e felicitar o sr. Liberto Pinto pelo garbo e disciplina das suas tropas. Há de jantar com o sr. presidente da república e terão sarau na legação belga. Serão presos alguns indivíduos que esboçem gesto de protesto contra o banquete dos grandes, para não haver complicações diplomáticas. Será uma comédia admirável para ocultar uma miséria que toda a gente sabe que existe. Mas o rei da Bélgica há de felicitar a república pela maneira rara como soube insinuar-se no espírito popular, como conseguiu arranjar um verdadeiro, um autêntico amigo em cada cidadão.

Os soberanos não de esconder no âmago das suas almas, as grandes verdades que porventura entrevejam. Lá pela Bélgica as coisas não correm tam bem como se julga...

### Um que se pesa...

Paris, contou lindas coisas acerca do espírito liberal do seu chefe e do contentamento das populações russas que sob tam bondoso regime se encontram. O mais interessante, porém, é o facto extraordinário de o general Makno, cujas tradições não menos liberais a Chicago Tribune descreve num telegrama sem, publicado em El Sol; esse general, que estava ao serviço de Wrangel, e possuía as suas ordens consideráveis forças de cavalaria, passou repentinamente para o lado dos bolchevistas.

Sendo Makno amigo da liberdade, tendo por esta sempre combatido, a sua mudança de opiniões faz-nos pensar seriamente no espírito liberal do governo Wrangel, apoiado pelas correntes reacionárias da França.

### Reclamo à França

Aparecem-nos frequentemente sobre as nossas bancas de trabalho, enviados pela Agência Rádio, extensos telegramas, que, por vezes, chegam a encher uma página e página e meia, fazendo resgatissimos elogios à situação económica da França. Ou é a agricultura que se desenvolveu dum maneira inconcebível, dando colheitas monstruosas, nunca registadas nos anais da História; ou são os comerciantes que num gesto desinteressado baixam voluntariamente o preço dos géneros; ou ainda a marinha mercante que trouxe consideráveis carregamentos de produtos coloniais, mergulhando a França num mar imenso de felicidade e abundância. Pessoas amigas, que vindas de Paris, nos visitam,—sem que nós façamos ruído sobre o caso nestas colunas, porque nos falta tempo e espaço para tais ninharias—tem-nos contado que, proporcionalmente, a vida naquela cidade é muito mais cara do que em Lisboa, encontrando-se, como o sr. Aquilino Ribeiro encontrou em Berlim, pessoas esfaumadas em frente das vitrines dos restaurantes, contemplando as iguarias caras, de olho avido. Onde meterá a França a sua abundância?

São, certamente, tais telegramas reclamações sobre os produtos escassos e avariados da França arruinada pela guerra. Vamos passar a colocá-los na nossa secção de anúncios, depois de exigirmos do governo francês o preço da tabela.

Muito bem A Luta de ontem elogiou a Câmara Municipal por esta não querer pagar aos grevistas os dias de greve. «O trabalho deve ser justamente pago; mas que paga pode ser devida a quem não trabalha?» pergunta A Luta para terminar. Ora, o que A Luta parece ignorar é que os trabalhadores recorrem à greve, porque o trabalho é, mal pago. Porque não devem pagar os patrões os dias dum greve, originada por um trabalho mal retribuído?

Então, porque fumam, porque bebem o café?

Ora, ora, porque já não vale a pena deixarmos os venenos que para nós se tornaram em prazeres.

Isso não parece dito por indivíduos que dizem possuir ideias avançadas!—exclamou Lion de Castro.

Efectivamente não parecia. Por vezes fala mais depressa o hábito do que a razão.

Lion de Castro contou-nos suas aventuras de viagem e a grande miséria que vai pelo país, a miséria que os nossos correspondentes nos contam dia a dia e que os governos fingem ignorar.

A par da miséria material—dizia o nosso interlocutor—há também a grande miséria moral, a profunda ignorância dos povos arreios dos grandes centros, a bestialização pelo álcool, a desconfiança do próximo...

Manuel Ribeiro

vítima da pouca inteligência das autoridades

A prisão arbitrária de Manuel Ribeiro mantém-se. A incomunicabilidade igualmente. E' assim que a república, servida por indivíduos que apenas a descredita, trata aqueles que não comungam no mesmo credo político dos governos. Quem é da oposição, quem mantém intransigentemente uma linha honesta de combate ao erro e à mentira já sabe o que o espera—a prisão, a incomunicabilidade. Já aqui temos mostrados a nossa repulsa pelo acto criminoso de que Manuel Ribeiro está sendo vítima. E' um crime, um autêntico crime o que contra ele se está cometendo. Encarando as cousas pelo lado de Justiça, a Justiça burguesa que castiga, fere e mata, quem merece a prisão, é que ordenou a infâmia de que o autor da Catedral está sofrendo.

A polícia não tem uma razão, um protesto que justifique o salto que deu sobre todas as leis, prendendo um jornalista honrado. Muito menos razão terá para manter a arbitrariedade por mais tempo.

Cada dia que passa mais avoluma a importância do gesto infame. Não há meio de arrancarmos uma desculpa, um porquê.

Se algo tivessem inventado há muito o teriam comunicado à imprensa para que esta salvasse com letras gordas o seu acto asqueroso. E' possível que andem agora os senhores da poli-

## NÓS E OS NATURISTAS

### O ALCOOL

Fala-nos dele com horror o sr. Lion de Castro—A taberna: eis o inimigo

Há dias o sr. Lion de Castro procurou-nos para nos manifestar a sua simpatia pelo órgão das classes trabalhadoras. Os leitores não conhecem o sr. Lion de Castro, mas já viram, decerto, um indivíduo de tez morena e farta cabeleira, apetrechado quasi militarmente, que andou, há tempos, ali pelas ruas de Lisboa. Pois o sr. Lion de Castro é esse indivíduo apetrechado, armado e equipado que por vós passou e que vos fez pensar talvez cousas desagradáveis acerca do seu estado mental.

O sr. Lion de Castro, para o vulgar, é considerado isso mesmo que pensasteis, leitores, quando ele por vós passou—doido. Nós, porém, não o consideramos assim, porque sabemos que ele é simplesmente naturista. Não é um naturista como o russo Eliezer, que nós entrevistámos quando esteve em Lisboa, pela primeira vez. Eliezer é talvez mais completo, porque se aproxima mais da natureza. Lion de Castro é um naturista um pouco mais adaptável ao meio social em que vivemos. Eliezer come frutas, frutas apenas, anda quasi nu e adora os banhos de sol. Lion de Castro come vegetais, mas cosinhados, usa mais roupa, quando viaja principalmente, e pode-se ir com ele a qualquer restaurante ou café, porque come com colher, garfo e faca ou bebe uma limonada. Eliezer é absolutamente incompatível com os restaurantes e com os cafés. Trinca os pomos, pegando-lhes com o garfo vulgar... de cinco bicos e não bebe água sequer. Há simplesmente esta diferença entre ambos: o português é vegetariano e o russo frugífero apenas.

Pois os frugíferos e vegetarianos simpatizam com A Bataha, talvez pelo facto de A Bataha ter especial simpatia pelos vegetarianos e frugíferos.

Daí, um de nós, cá de redacção, pedir ao sr. Lion de Castro o acompanhamento ali à Brasileira do Chiado, para mais a vontade e com ruído, expormos as nossas opiniões, sem incomodarmos os restantes que ficavam trabalhando.

—Acabo de dar a volta completa a Portugal—disse-nos o sr. Lion de Castro.

—De que maneira—preguntámos surpresos.

—A pé—respondeu-nos o naturista. Aí tem, pois, os leitores, a razão porque Lion de Castro, andou armado e equipado pelas ruas de Lisboa. Talvez suponham que para se dar a volta a Portugal não é preciso andar armado e equipado, pois o sr. Castro vai já dizer-nos o contrário.

—Que tal decorreu a viagem?

—Cheia de surpresas e de perigos até.

Veem os leitores—as armas servem apenas para os perigos.

—E que tal são os caminhos?

—Péssimos. Não há estradas, por vezes é necessário trilharmos caminhos de cabras, quando não temos de atravessar ao acaso montanhas e despenhadeiros, com o único auxílio dum carta do Estado Maior e essa mesma imperfecta.

Para andar por tais caminhos é preciso andar equipado.

Entrámos, entretanto, na Brasileira e nós, corrompidos e mórdbos, fazendo gala da nossa miséria, acendemos um cigarro e pedimos café, enquanto Lion de Castro pediu uma limonada de... simples sumo de limão e água.

—Que condão todos os excitantes: o café, o álcool, o chá, o tabaco...

—E nós também—dissemos convictos.

—Então, porque fumam, porque bebem o café?

Ora, ora, porque já não vale a pena deixarmos os venenos que para nós se tornaram em prazeres.

Isso não parece dito por indivíduos que dizem possuir ideias avançadas!—exclamou Lion de Castro.

Efectivamente não parecia. Por vezes fala mais depressa o hábito do que a razão.

Lion de Castro contou-nos suas aventuras de viagem e a grande miséria que vai pelo país, a miséria que os nossos correspondentes nos contam dia a dia e que os governos fingem ignorar.

A par da miséria material—dizia o nosso interlocutor—há também a grande miséria moral, a profunda ignorância dos povos arreios dos grandes centros, a bestialização pelo álcool, a desconfiança do próximo...

Manuel Ribeiro foi vítima dum coice da autoridade.

Este regime é assim: essencialmente violento; trata as questões a pontapé. E' uma característica que há muito se verificou na república.

Como pode um indivíduo cujo recurso único é o cérebro, lutar contra tais instituições? Eis porque Manuel Ribeiro está ainda incomunicável. E' porque a polícia anda há seis dias a pensar no crime que lhe há de atribuir.

NA CHINA

O Japão envia tropas para a Manchúria para proteger os japoneses contra os bolchevistas chineses

LONDRES, 20.—O Japão decidiu enviar tropas em número suficiente para três cidades da Manchúria, de forma a proteger eficazmente os consulados, as vidas e os haveres dos japoneses. Estas medidas de protecção são tomadas contra rebeldes chineses das regiões da Manchúria na fronteira da Coreia, que operam de acordo com os bolchevistas russos.—Rádio.

—Não encontrou bom acolhimento? —preguntámos.

—Nada que com tal se parecesse. Chegaram mesmo a negar-se a coêr-me uns legumes.

Pensámos quanto doloroso devia ser este detalhe para um bom vegetariano.

—Nas Caldas, por exemplo—proseguiu—um taberneiro hostilizou-me; perto de Alcácer do Sal um soldado da guarda republicana quiz impedir-me de ler A Bataha...

—E onde foi a desconfiança do povo mais perigosa para si?

—Em Tráz-os-Montes—repondeu.

—E' a terra do sr. Granjo...—murmurámos.

—Ali vi-me, uma vez, verdadeiramente atrapalhado. Queria ir repousar a uma aldeia que o mapa marcava. Orientei-me de manhã e meti pernas a caminho, serra fora. Andei até dia pleno, sol bem alto e descobri que tinha simplesmente andado à roda do mesmo ponto. Esta circunstância deu-me um pouco de confusão, pois pouco disposto me encontrava a passar a noite na serra, onde há lótos perigosos. De súbito, quando já desanimado, descansava, notei ali perto vestígios da passagem dum rebanho. Levantei-me e segui-os com ansiedade.

—E encontrou o rebanho?

—Sim; passado um bocado vi realmente um rebanho de cabras e um rapazito, um pastor, que o guardava.

Mal me aproximei, o pastor, semelhamente, pouco habituado a ver a gente, abalou a correr e a gritar pela serra abaixo, tomado de pânico.

—Que fez você então?

—Achei prudente desvir-me dali logo mais depressa possível, depois de ter tentado reter o rapaz, para que me não tomassem por algum facinoroso e me não matassem em plena serra. De resto, creio que para aqueles lados se mata um homem como quem mata uma formiga, porque as cruzes pelos caminhos e pela serra, indicando assassínios, cedem-se. Voltei a caminhar, agora ao acaso, porque havia perdido o mapa, quando corri sobre o pastor. Quasi de noite, encontrei-me numa aldeia.

—E foi bem recebido?

Lion de Castro sorriu-se, mostrando os seus dentes alvos e regulares.

—Bem recebido? Ninguém me facilitou um palheiro para dormir, nem me quiseram cozer umas couves para comer. Os homens andavam de varapau em punho, desconfiados. E as palavras que me dirigiam, indicavam bem que me não queriam ver ali. Resolvi, então, afastar-me da aldeia e dormir nas imediações.

—E para Sul que tal foi o acolhimento?

—Admirável! Sobre tudo no Alentejo. Esta provincia é verdadeiramente hospitaleira. Só encontrei sorrisos benévolo e amabilidade.

—Que fazia o meu amigo nas terras que visitava?—preguntámos, desviando a conversa.

—Fazia palestras sobre naturismo e combate ao tabaco e ao álcool. Ah! meus amigos—exclamava o naturista—o álcool que é o verdadeiro inimigo do povo. E' ele que rouba o trabalhador a sua associação de classe, ao estudo, às grandes obras de regeneração. Eu mesmo recomendava aos trabalhadores que em vez de frequentar a taberna, frequentassem a escola; em vez de ir para a taberna cavaquear, fossem para a associação.

—Então—preguntámos—o meu amigo cre que se as tabernas acabassem a organização sindicalista lucraria?

—Plamente. Está mesmo iniciada a luta: o Sindicalismo mata a taberna ou esta extermina aquele.

Estamos convencidos, meu caro, de que o Sindicalismo triunfará; os sindicatos aumentam e a revolução aproxima-se—dissemos nós!

—Sim, também creio que o triunfo pertencerá aos bons. Mas entendo que a propaganda anti-álcoolica se deve intensificar. Será menos uma dificuldade para a marcha moralizadora da revolução. Há certos trabalhos revolucionários que se podem ir fazendo já. Este é um deles.

—Também o cremos. Apareçam os homens que a esse trabalho se lancem com tenacidade... M. D.

Manuel Ribeiro foi vítima dum coice da autoridade.

Este regime é assim: essencialmente violento; trata as questões a pontapé. E' uma característica que há muito se verificou na república.

Como pode um indivíduo cujo recurso único é o cérebro, lutar contra tais instituições? Eis porque Manuel Ribeiro está ainda incomunicável. E' porque a polícia anda há seis dias a pensar no crime que lhe há de atribuir.

NA CHINA

O Japão envia tropas para a Manchúria para proteger os japoneses contra os bolchevistas chineses

LONDRES, 20.—O Japão decidiu enviar tropas em número suficiente para três cidades da Manchúria, de forma a proteger eficazmente os consulados, as vidas e os haveres dos japoneses. Estas medidas de protecção são tomadas contra rebeldes chineses das regiões da Manchúria na fronteira da Coreia, que operam de acordo com os bolchevistas russos.—Rádio.

## AS GREVES

### O movimento ferroviário continua inalterável

A greve se conserva no mesmo estado a grande dos ferroviários, nada tendo havido até esta parte que a tenha modificado.

Com isso sofre a economia do país, pouco se incomodando o governo com tal estado de coisas, quando poderia já estar resolvido tal grave conflito.

No entanto tudo parece correr no melhor dos mundos, como se nada de extraordinário se passasse. E o povo que vá sofrendo com as incompetências que estão à frente dos destinos de país.

Nota officiosa

Do Comité Central dos Ferroviários de Portugal

Os descarrilamentos e acidentes com os comboios produzem-se inintermitentemente com confirmação rigorosa da anormalidade de todos os serviços e sobretudo da pouca consideração que tem havido pela vida dos passageiros, ou de quem acredita na veracidade das notas officiais. Em Braga de Prata, um comboio que ia para o Norte, esteve na iminência de chocar com um outro comboio, por inversão de agulhas, causando o facto no público um pânico indiscutível e provocando violentos protestos contra a Companhia, que teima em afirmar que os serviços estão normalizados, quando tal facto não é verdadeiro, como se tem provado.

Em Faro, um outro comboio, chocou violentamente com um comboio de Via Real, havendo feridos e outros desastres, o que é sintoma bem clarividente da maneira como tudo está correndo e da falta que ao serviço fazem os profissionais.

De resto a greve mantém-se, não se tendo registado defeições, como pela imprensa tem sido anunciado.

Um manifesto

O Comité Central dos Ferroviários de Portugal fez distribuir o seguinte manifesto:

Camaradas! A despeito de todas as tentativas que se estão a fazer para reduzir a importância dos ferroviários, a greve mantém-se tam energeticamente como no primeiro dia, tendo-se provado exuberantemente ao publico a total e genuína solidariedade dos ferroviários não é uma palavra vã.

Essa demonstração tem conseguido radicalmente o ponto principal, convencendo o movimento a ser solidoneado sob uma base equitativa, que atenda as aspirações da numerosa classe ferroviária, que este Comité representa, aspiração a que se refere o manifesto de hoje.

Para os ferroviários a questão económica tem grande importância, porque não é possível ninguém manter-se com os mínguos vencimentos que auferimos, no entanto, a questão moral deve ser posta em primeiro plano, porque sem o reconhecimento completo dos direitos que aos ferroviários assistem, como trabalhadores, não poderão eles afirmar-se, como cidadãos e cidadãos de toda a classe operária e até da opinião publica.

A questão moral neste momento, implica a defesa dos direitos dos trabalhadores da classe ferroviária, até hoje, como daqueles que deve ir conquistando, pois que sem eles não poderá continuar a afirmar a sua vitalidade, como classe produtiva.

Só assim se poderá garantir, a parte moral não for devidamente garantida, todo o efeito económico resultante da sua solução desaparecerá, para regressar os ferroviários a condição vexatória de escravos sem vontade, sem aspirações.

E' isso que tem de ser evitado ainda que a continuação da greve se imponha como necessidade imediata.

Não queremos que o Estado quebre a sua dignidade, sujeitando-se às nossas imposições. Também não queremos a intervenção do Estado quando os trabalhadores brigam com a nossa dignidade.

Neste momento estão publicados alguns diplomas que grammente atacam a dignidade da classe ferroviária. Solucionar a questão económica, devem esses diplomas ser revogados, sem o que se tornará impossível uma solução satisfatória em bases de absoluta conciliação.

O governo aucta o aumento da subvenção aos ferroviários, quando tal gesto é motivado pela situação criada ao furor de um publico, a quem foi dada uma subvenção enorme, embora justa, comparativamente com a que nos pretendiam impor.

Estes factos devem pôr ser tomados em consideração por todos os ferroviários, não acatando como bons as informações dos jornais, embora publicadas em nome do governo ou da Companhia.

São as notas emanadas deste Comité devem ser tomadas como boas, visto que o seu objecto é a conquista dos direitos dos ferroviários em greve.

A situação mantenha-se estacionária, devendo por isso todos os grevistas aguardar as determinações deste Comité, respondendo as investidas do governo ou dos seus representantes, com a continuação da greve.

Novamente declaramos que este Comité, dispõe dos necessários meios para prosseguir o movimento, devendo os ferroviários manter-se de que só a persistência na luta lhes pode dar a vitória.

Os nossos intuitos estão claramente demonstrados publicamente aos governos e aos que não possam alegar ignorância, intuitos que provavelmente nos garante uma posição satisfatória perante a opinião publica.

Continuamos pois o movimento que a vitória será nossa.

Viva a greve. Vivam os ferroviários de Portugal. O Comité Central dos Ferroviários de Portugal.

Continua a normalização...

O Setabalense, de segunda-feira, 18, conta o seguinte caso que diz eloquentemente da tam decantada normalização:

O comboio rebocado pela máquina 48, que ontem se havia dirigido ao Barrado com os passageiros para Lisboa, parou a 4 quilómetros de Setúbal, por se ter avariado a máquina, tendo permanecido no local, pouco mais de duas horas. Como durante esse tempo não apparecesse nenhuma guilma que rebocasse o comboio, este, aproveitando-se do declive da linha, retrocedeu para Setúbal, onde até às 6 e 15 do tarde se conservou, por entre a indignação dos passageiros, uns que queriam o dinheiro que haviam dado pelos bilhetes, o qual lhes não foi devolvido, outros que precisavam seguir viagem e o não podiam fazer... porque a tal célebre máquina que devia vir do Barreiro não se dignava surgir.

Muito tarde, teve a locomotiva que se empurrou para praças do exercito, a fim de fazer a agulha e poder meter agulha, arranjada a la diable, naturalmente para ser novamente atacada a engomando e ficar no meio da linha a espera... que se desnormalize o serviço, para entrar nas officinas, a fim de ser convenientemente reparada.

Como não podia deixar de ser os prejuizos causados nos passageiros foram grandes, não podendo comparecer na tourada de hoje.

